



A GAZETA



Gerente: P. A. MONTELEONE

Director: EURICO MARTINS

Red., Adminis. e Off.: R. Libero Badaró, 4 e. 4-A

ANNO XXVI | Telephones: 2-4164 2-4165

S. Paulo — Segunda-feira, 25 de Janeiro de 1932

Endere. Telegraphico "GAZETA" N. 7.792

A PROPOSITO DO PARLAMENTARISMO

(ESPECIAL PARA A "GAZETA")

Os adversarios do regimen parlamentar accusam os partidarios deste de terem os olhos fitos na Franca, que é a encarnação desse regimen. E á vista disso procuram desacreditar o parlamentarismo francez.

De tudo isso deu boa prova o artigo recentemente aqui publicado, por um dos illustres colaboradores desta folha.

Ha, porém, nisso uma inversão absoluta da verdade.

Sem duvida, pode-se e deve-se pensar na Franca. Os parlamentaristas não precisam evitar os exemplos vindos de lá.

Assim, por exemplo, o articulista a que eu respondo alludiu ao que se passou na Franca, quando o gabinete Julio Ferry foi derrubado. Haviam chegado noticias de uma decrota das tropas francezas na Indo-China e a emoção por ellas causada fez com que a Camara forçasse o ministerio a demittir-se.

Mas a Camara não fez mais do que reflectir a opinião publica. Toda ella tinha soffrido um choque tremendo. Em um paiz presidencialista, o caso podia ter dado lugar a uma revolução.

Dias depois verificava-se que as noticias tinham sido exaggeradas. Com a facilidade que só o regimen parlamentar tem para corrigir os seus erros, a Franca retomou a sua politica colonial e constituiu o formidavel Imperio, que ali está.

Que grave inconveniente houve? Nenhum. Um ministerio cahiu; um ministerio subiu. Isso é a normalidade do regimen, que em nada altera a marcha dos negocios.

Mas a Franca não é o paiz parlamentarista mais importante no mundo. Se nós prestamos mais atenção ao que lá se passa é porque temos com ella maiores afinidades.

Mas junto della está a Belgica. Junto della está a Inglaterra.

E, quando se pensa nestas, é preciso pensar nos seus dominios, todos elles regidos pelo systema parlamentar.

Os que só falam na Franca é que dão mostras de não ver o que vae pelo mundo.

A Franca é unitaria e centralizadora. Mas isso não se pode dizer do Canada, da Australia, da Federação da Africa do Sul, que são federações parlamentares de Estados também parlamentares.

E tudo isso está vivendo a sua vida normal, resolvendo os seus problemas, e através de quebra de subidas e baixas, seguindo a sua admiravel marcha progressiva.

As revoluções dos últimos tempos têm sido em paizes presidencialistas. Os parlamentaristas estão em paz. Em nenhum delles houve alteração alguma da ordem.

Já que a Franca irrita os nervos dos anti-parlamentaristas, deixemol-a de lado. Eficaz ainda a maioria das nações, que estão trabalhando e progredindo em paz.

A republica presidencial leva a este atoleiro, em que nos estamos debatendo. As nações parlamentares podem bem ser representadas pela formidavel constelação dos povos de lingua inglesa.

No regimen presidencial, quando se commette um erro, só ha duas hypotheses: ou esperar quatro annos ou fazer uma revolução.

No regimen parlamentar, quando se commette um erro, corrige-se immediatamente.

Basta isto para mostrar a sua superioridade.

MEDEIROS E ALBUQUERQUE (Da Academia Brasileira de Letras)

O DIA DE S. PAULO

REUNIDOS NO MAIOR COMICIO, OS PAULISTAS VÃO ESQUECER OS DISSIDIOS E ENCERRAR O CAPITULO DAS HOSTILIDADES QUE OS DIVIDIAM



A "GAZETA" AO POVO DE S. PAULO

Commemorando o 378.º anniversario da fundação de S. Paulo, as associações representativas de todas as classes e correntes de opinião do Estado convidam o povo paulista, por intermedio da "GAZETA", para hoje, ás 15 horas, na praça da Sé, se reunir em grandioso comicio que seja a exaltação e a apothose de São Paulo.

A revolução que não se fez

Não houve terremoto á altura do cerebro dos governantes

Tomada no sentido intellectual da palavra, no Brasil não houve Revolução. Os cavalheiros que empolgaram o poder, que por um golpe de opportunismo, foram arremessados aos altos postos de commando da Republica pela onda humana que se alteou de Norte a Sul, decorridos quinze mezes de governo, demonstram claramente que não estão á altura da missão que o povo lhes confiou.

E' que essa gente, á qual se applica com admiravel precisão a phrase do ministro José Americo, pertence á desmoralizada phalange dos "politicos suspitos e carcomidos". Esses individuos ficaram immobilizados no tempo e no espaço, sem perceber que a Nação está caminhando. Não admira que sequer se apercebam do descontentamento que começa a lavar, incendio sem chammãs, em todas as camadas sociais, descontentamento de que se aproveitaram no momento azado para satisfazer ambições subalternas.

Ninguém pôde, em boa fé, negar que entre os revolucionarios, ha, em numero reduzido embora, creaturas bem intencionadas. Mas estas, segundo o publico testemunho que já dêram de sua capacidade, não vão além das boas intenções. São cerebros incultos, envenoados por uns vagos principios mal assimilados em leituras anarchicas e apressadas. Que se pôde esperar de taes idealistas confusos? Absolutamente nada. Falta-lhes a segura directriz que só sabem traçar-se aquelles que sabem o que querem.

Emquanto isso, a maioria installada no poder pratica a mesma politica de subterfugios, de mentiras, de evasivas, enveredando para os processos tortuosos do velho partidarismo que criticaram e suppeem haver derrubado, quando em verdade a Revolução, no seu significado material, foi obra do povo e ha de ser-o, tambem, na sua feição moral.

De tudo se conclue que a Revolução não se operou não nas baixas camadas, que na sua explosão sincera, espontanea, ella foi uma força de baixo para cima, de que os politicos "sabidos" se souberam aproveitar. Nem estamos aqui descobrindo o "ovo de Colombo".

E' de hontem, enunciada pelo sr. Antonio Carlos, um dos promotores mais audazes do movimento de outubro, a phrase famosa e de duplo sentido: "Fagamos a Revolução antes que o povo a faça". Sim, "facemos a nossa Revolução antes que o povo faça a Revolução lá delle", devia ter dito o Andrade astuto, pondo inteiramente á mostra o seu pensamento.

Mais tarde, quando perceberem, com o seu furo de raposa velha, que o movimento outubrista começava a tomar um rumo imprevisível e aquelles que o desencadearam já não tinham forças para conter a avalanche, esse mesmo Antonio Carlos declarou: "A gente inicia a Revolução, mas não sabe quem a terminará".

Em tudo isso o que transparece é que os homens não estão á altura do movimento de que a principio se julgaram os orientadores.

Obtudos, encharcados da velha e desmoralizada demagogia, pretendendo ajustar a consciência nacional cada vez mais esclerçada pela licção da experiencia aos estreitos limites das suas concepções cretinas, esses individuos ajudaram a fazer a Revolução sem antes, identificados com o povo que a conduziu á victoria, terem operado em seus proprios cerebros o terremoto capaz de demolir as idéas mofadas.

Essa é, pois, a Revolução que não se fez.

Substituiu-se no poder, pura e simplesmente, um grupo de homens por outro da mesmo conformação mental. E' o povo que mudou e os seus exploradores de hoje suppeem illusoriamente que mudaram tambem.

Tal milagre não se deu nem se dará jamais. Não ha dynamite capaz de destruir a rocha das idéas feitas e estratificadas no bestudo dessa gente. Tudo n'elles cheira a velharia. E' ler os seus manifestos, os seus discursos, os seus manifestos, os seus discursos, os seus manifestos, os seus discursos, os seus manifestos e ás vezes nem se dá conta da cultura da maioria foi oitiva.

Não surprehe de que os nossos se distanciem da Nação cujas aspirações julgam não compreender. E' o mundo dos...

Os paradoxos revolucionarios

Exactamente São Paulo, o Estado mais adiantado do Brasil, é o que não pôde governar-se a si mesmo!

A revolução pôde não ter sido fértil em beneficios para o paiz. Numa couza porém, ella o foi: em paradoxos...

São Paulo é o Estado mais rico, mais prospero, mais adiantado e mais culto do paiz. A sua porcentagem de analphabetos é infinitamente menor do que a de qualquer outra unidade federativa. A sua população, que se dedica de preferencia á lavoura, á industria e ao commercio, desdenhando os cargos burocraticos, é, sem duvida, a mais independente de todo o paiz, pois não dá aqui o que se verifica noutros Estados: dois terços, pelo menos, da população vivendo parasitariamente de empregos publicos, que são verdadeiros troncos de sujeição aos governos, não facto simplissimo de que estes se deitam e se aproveitam das graças e dos favores...

Foi São Paulo o unico Estado, em todo o Brasil, ao qual a revolução segou o direito de governar-se a si mesmo! Não é inacreditavel?

Noutro paiz qualquer, onde o bom-senso imperasse, esse absurdo não seria sómente impossivel: seria inconcebivel. Mas, aqui, terra dádívosa, elle ahí está dando tratos á bola os homens de juizo, que absolutamente não podem decifrar esse enigma, que seria pittoresco si não nos estivesse causando um prejuizo formidavel — os milhares e milhares de contos de réis com que estamos matando a fome vroz das aves de arribação que o movimento de outubro fez cair sobre nós, como uma maldição dos céos, peor do que uma praga de gafanhotos...

O dia de hoje offerece aos paulistas a grata opportunidade de se unirem para a defesa do nome, das tradições e dos brios de sua terra.

O dia de São Paulo tem de ser e deve ser commemorado com a fraternização de todos os paulistas, pois só assim nos poderemos libertar do capitveio infamante que ha quinze mezes nos opprime.

Mas, a função eminentemente civilizadora de São Paulo não ficou na epopeia radiante das "bandeiras". Graças á intelligencia, á iniciativa e á alta capacidade de trabalho dos paulistas, aqui se creou e aqui se desenvolveu o mais poderoso nucleo economico do paiz. Possuimos, hoje, a organização agricola mais perfeita e o parque industrial melhor aparelhado da America do Sul. As nossas lavouras opulentas, as nossas fabricas numerosas, as nossas cidades modernas e confortaveis são a prova eloquente e insophismavel da nossa mentalidade realistica e constructora, tão diversa, na forma como na substancia, da parlapatic demagogica e romantica dos nossos impenitentes inimigos, isto é, dos que nos odeiam porque "progredimos demais..."

E' de justiça salientar a collaboração valiosa que nos trouxeram os imigrantes estrangeiros e nacionaes.

Elles de tal forma se adaptaram ao nosso meio que já não ha como distinguil-os e diferencial-os dos paulistas de nascimento — uniformidade de physionomia social e unidade de alma que tão marcadamente caracterizam a nossa terra e explica o milagre estupendo da sua grandeza maravilhosa.

Como poderíamos, então, alimentar sentimentos regionalistas?

Como poderíamos insensatamente destruir pelas nossas proprias mãos a obra admiravel de nacionalismo que pacientemente vimos edificando com o exemplo diario do nosso trabalho e do nosso patriotismo?

Como poderíamos, portanto, abandonar, agora, o Brasil á infelicidade que sobre elle desceu como uma aza negra, permitindo que aventureiros desbaratem o seu patrimonio, delapidem as suas riquezas, desmantelem as suas actividades e desmoralizem o seu credito?

Hoje, não é, por isso, o dia apenas de São Paulo. E' tambem o dia do Brasil. Reunidos no maior comicio que já se realizou no paiz, os paulistas vão esquecer os dissidios que até ha pouco os separavam, vão encerrar definitivamente o capitulo das hostilidades que os dividiam, vão dar o tiro de misericórdia nas disputas intestinas que tanto os enfraqueciam ante o inimigo commum, ou sejam os invejosos da sua prosperidade e da sua gloria.

E tudo isso elles farão por amor do Brasil, certos de que esse espectáculo soberbo de fraternidade será a aurora redempção nacional, o primeiro grande passo para a libertação integral do paiz.

Essa campanha corajosa, em que todos os verdadeiros patriotas não deverão recusar deante de obstaculo algum, sacrificando a vida, si preciso fór, terá a protegel-a a bandeira triumpante de São Paulo, desfaldada sob o céo brasileiro como a annunciação da era nova que para nós se vae abrir, como a certeza dos dias melhores e felizes que saberemos, finalmente, conquistar, haja o que houver e em que pese ao furor e á insanía dos mãos patriotas que se obstinam em nós humilhar e offender.